

# CORPO EM MUTAÇÃO E PERFORMATIVIDADE DURANTE PANDEMIA COVID-19

## THE CHANGING BODY AND PERFORMANCE DURING PANDEMIC COVID-19

**Franco Hermogenes Almada**

Universidade de São Paulo (USP)

DOI: <https://doi.org/10.21680/2595-4024.2022v5n1ID24080>

**Resumo:** Corpos pandêmicos que sofrem os efeitos causados por Covid-19 afetam a psique e a performatividade. Este artigo chama a atenção dos leitores para reflexões sobre os efeitos da pandemia em seus corpos e performatividades em um amplo espectro. A partir de um diagnóstico médico, busca compreender a origem da doença por meio da arte e da performance, encontrando as questões políticas e sociais como paradoxos a serem enfrentados. Isolamento e imanência encontram-se em um mesmo ambiente, isolamento, restrito, enquanto a comunicação se amplia de forma virtual, intacta, próspera e edificante. Qual é o impacto do isolamento na arte do corpo vivo em uma relação política sadomasoquista?

**Palavras-chave:** isolamento, sadomasoquismo, performance, política, gênero, imanência

**Abstract:** Pandemic bodies suffering the effects caused by Covid-19 affects psyche and performativity. This article draws the readers' attention to reflections on the effects of the pandemic on their bodies and performance in a broad spectrum. Starting from a medical diagnosis, it seeks to understand the origin of the disease through art and performance, finding political and social issues as paradoxes to be faced. Isolation and immanence are found in the same environment, enclosing, restricted, while communication is amplified in a virtual, intact, prosperous and edifying way. What is the impact of the enclosure on the art of the living body in a sado-masochistic political relationship?

**Keywords:** enclosing, sadomasochism, performance, politic, gender, immanence.

Em busca de contato humano durante a pandemia, o corpo encontra nos eventos virtuais uma saída para o isolamento, e uma indústria das redes sociais que produz um exército de vigilantes. Esta ação, e suas possíveis consequências, convidam a debater a performatividade da “mise en scène, e as alterações corpóreo-psíquicas resultantes deste processo.

Pode-se considerar que as cinco piores pandemias da história sejam: a peste bubônica que assolou a Europa entre 1346 e 1353, quando matou quase um terço da população do continente; a varíola, doença que atormentou a humanidade por mais de 3 mil anos e foi erradicada somente no ano de 1980; o cólera, que em 1817 matou centenas de milhares de pessoas; a gripe espanhola, que exterminou 5% da população do mundo em 1918, algo entre 40 a 50 milhões de pessoas mortas; e a gripe suína (H1N1) em 2009, com 627 pessoas infectadas em junho do mesmo ano no Brasil.

A magnitude da Covid-19 pode colocá-la na mórbida lista das piores pandemias. Até dezembro de 2020, o total mundial de casos oficialmente declarados é de 77.801.721 milhões de pessoas. E o número de mortos pela doença continua avançando, ultrapassando 1.713.109 milhões de pessoas no mundo e mais de 176 mil pessoas no Brasil.

### O jogo político do vírus: “corpo isolado” vs. “corpo livre”

O isolamento social é uma recomendação da OMS, amplamente difundido pela imprensa que divulga seus comunicados desde o início da pandemia do Corona vírus no ano de 2020. Entretanto, o Governo Federal brasileiro, posicionou-se contra o isolamento e as recomendações do órgão mundial de saúde, estabelecendo um processo de dualismo tecnológico<sup>i</sup>, utilizando-se das redes

sociais como principal plataforma de comunicação, descreditando instituições internacionais e causando uma crise diplomática entre o Brasil e o mundo.

Vale lembrar que as redes sociais se transformaram em plataforma de dominação política, sendo amplamente utilizadas por governos ditatoriais e repressores. Nesse contexto, o papel da imprensa é constantemente questionado pelos integrantes desta complexa rede, que atuam, inclusive, como veiculadores de “*fake news*” e vigilantes dos membros de suas bolhas.

Se por um lado o isolamento paralisou corpos durante a pandemia, limitando movimentos, reduzindo musculaturas, provocando importantes mudanças ergonômicas nos indivíduos que agora se veem analisando novos contratos com a dor<sup>ii</sup>, estabelecendo novas cláusulas e limites, por outro lado, estabeleceu-se o rompimento das regras como uma atitude subversiva. Este jogo criou uma inversão de valores ético-políticos, espalhando o vírus mais rapidamente.

Os cidadãos que não usam máscara, não seguem os cuidados básicos de saúde, arriscaram não somente a própria saúde, mas também a saúde de milhões de idosos e pessoas que pertencem ao grupo de risco. Ao romperem as regras se estabelecem como pessoas letais para toda a sociedade, tornando-se agentes da necro-política num encontro com o sadismo de Deleuze<sup>iii</sup>.

Os que seguem as regras se isolam, sofrem pela falta de convívio social, no entanto, são obrigados a lidar com situações de risco cotidianamente sempre que necessitam sair de suas casas em busca do essencial que garanta sua sobrevivência. Lutam contra o vírus fora de suas residências, evitando os pseudo subversivos nas ruas, e o vírus das *fake news* na virtualidade.

Ao considerar o isolamento social, ou o não isolamento, como atuação política sobre os corpos, o que se conclui é que as instituições são agentes modificadores das expressões corporais dos indivíduos. Desta forma os agentes

são responsáveis pela transformação da performatividade, afetando corpos, a expressão dos gêneros e a arte.

4

O momento histórico das disciplinas e o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica de poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que se façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 1987, p. 119).

## A mise en scène e o gênero em performatividade

O isolamento social levou os indivíduos a buscarem nos encontros em “lives” um alívio para o aprisionamento e distanciamento social; nas diversas plataformas disponíveis no meio virtual os participantes dos encontros podem ver e serem vistos na tela do computador ou do celular, sentindo uma ambiência que os aproxima do sentimento de “estar dentro do espetáculo”, uma sensação que por meio da experiência, pouco a pouco, afetou a performatividade de cada um.

Quem assiste os amigos dentro deste meio também é visto, incluindo partes de suas residências que começaram a fazer parte da cenografia. Esta percepção logo incentivou muitas pessoas a criar uma ambiência específica para o momento

4

das “lives”, prova é o crescimento em vendas de “ring lights”, uma febre para esse segmento. A vida cotidiana se entrelaça ainda mais com a vida pública, por meio da performatividade passa a influenciar o trabalho dos indivíduos, criando uma “vida social virtual”.

Richard Schechner, fundador do departamento de estudos da performance na *Tish School of the Arts - New York University*, foi um dos primeiros estudiosos da arte da performance a destacar a performatividade da “*mise em scène*” e incluí-la dentro do campo de estudo das artes. No ano de 1967 ele criou o *The Performance Group*, um projeto de pesquisa prático-teórico que acrescentou experiências revolucionárias para a época, influenciou diversos artistas e estudiosos, incluindo Victor Turner<sup>iv</sup>, até o ano de 1980. Em suas experiências com o grupo ele observou como os padrões de comportamento se organizam em grupos, relacionando as expressões corporais aprendidas por meio da mimese transpassam os indivíduos, que passam a agir com determinado comportamento. Como exemplo é possível observar torcedores de um mesmo time de futebol que agem de forma semelhante.

Judith Butler, filósofa e teórica feminista, explica o gênero como um ato de performance. A autora ofereceu uma leitura mais continental, especificamente foucaultiana, da noção de performatividade, com suas raízes na linguística e na filosofia da linguagem. Butler ficou conhecida mundialmente pelo seu livro “Problemas de gênero” e recebe críticas por considerar apenas os aspectos individuais em seu conceito de performatividade.

A filósofa ficou conhecida mundialmente com sua obra “Problemas de Gênero”, lançado em 1990. Ela observa como o gênero é constituído tomando como base uma série de atitudes em conformidade com as normas de uma classe dominante. Butler, entretanto, não está afirmando que gênero é um tipo de desempenho em que um indivíduo pode encerrar o ato; em vez disso, o que Butler

está afirmando é que esse desempenho é contínuo e está fora do controle do indivíduo. Na verdade, ao invés de um indivíduo produzir a performance, o oposto é verdadeiro.

A performance é o que produz o indivíduo. Especificamente, Butler cita com aprovação a afirmação de Nietzsche de que "não há 'estar' por trás de fazer ... 'o fazedor' é meramente uma ficção adicionada à ação - a ação é tudo." Assim, a ênfase não é colocada no indivíduo produzindo a escritura, mas na própria escritura. Embora seja um conceito aparentemente difícil de compreender, a "performatividade de gênero" é percebida em muitos aspectos de nossas vidas, especificamente em nossa infância, adolescência e, finalmente, em nossa vida adulta.

Não se trata de apontarmos se esta mudança é boa ou ruim para os seres humanos, já que por meio da socialização no meio virtual muitos sofreram menos com a iminente solidão e outros se tornaram confusos quanto a "ser público" ou "encenadores virtuais". Cada indivíduo poderá analisar seu comportamento e os efeitos de suas novas performatividades de forma individual e privada.

Já Deleuze criou teorias dentro do campo da filosofia, muitas delas em oposição às de Freud, como em "O Anti-Édipo" onde o autor cria reflexões sobre o complexo de Édipo e a constituição do inconsciente, apontando que é neste último onde se encontra a potência criativa, no desejo, e não o recalque, a repressão, pensamento chave para a esquizoanálise.

## Arte e Performatividade em mutação

A performatividade mutante é observada pela perda da musculatura, enfraquecimento dos corpos, elaboram-se novas posturas e silhouetas. Uma nova performatividade surge da nova escola do vírus, envolve a repetição e o aprisionamento como disciplinas.

A instituição escolar trabalha a formação de corpos via processo disciplinar. Toda ideia de disciplina vincula-se a modelos do que seu contexto considera ideal e reconhecível. O corpo, ao longo dos séculos XVII, XVIII, XIX e início do século XX, vai se modificando. De uma “figura ideal” para o entendimento de que esse corpo ideal é “algo que se fabrica”; tornando-se, portanto, um “objeto e alvo de poder”; “analisável”; “manipulável” (FOUCAULT, 1987, p. 117-118).

As novas formas traduzem indivíduos performativos que pouco a pouco formam exércitos que representam dois polos distintos. De um lado os oprimidos, aprisionados no isolamento, pagando a pena de falsa sutileza<sup>v</sup>. De outro, impunes e vivendo em recalque<sup>vi</sup>, afastando-se e mantendo distância do consciente, os agentes autônomos impostores do fascismo.

Os pseudo subversivos circulam livremente pelas ruas fortalecendo seus corpos, infringem as leis de isolamento, mantêm-se fisicamente fortes, mas presos a um recalque em seus conteúdos psíquicos, como replicantes do fascismo de forma submissa. De uma forma ou de outra, não há liberdade, seja pela libertação ou pelo aprisionamento, seja nas ruas ou no meio virtual.

## Performers profissionais e a hiper-exposição dos corpos durante a pandemia de Coronavírus

A pesquisa de mestrado intitulada “Performance da Noite”, atualmente inscrita no PGEHA-USP, analisa a atuação de um grupo de performers que até o início da pandemia se encontravam em espaços autônomos, promovidos por produtores independentes ligados à música eletrônica.

De janeiro de 2019 à março de 2020 a pesquisa acompanhou mais de dez artistas in loco, e gerou uma amostragem com seis deles. Com o isolamento houve a proibição de todos os eventos, o que poderia representar um fim para este grupo, porém, em março de 2020, os produtores dos eventos encontraram na plataforma “Zoom” um espaço para dar continuidade aos projetos, promovendo o encontro de músicos, público e de dois dos artistas pesquisados.

Dos seis artistas acompanhados em 2019 apenas dois deles migraram para esta plataforma dentro dos eventos, criando novos ruídos estéticos com características específicas. É neste novo “thopos” que se apoiam as reflexões sobre o recorte em 2020, partindo do princípio que a redução do número de artistas encontrados nesta plataforma aponta para o enfraquecimento da performance.

A performatividade sofre com as restrições. O público que os contemplava no meio físico, nas pistas de dança, circulando pelos ambientes criados em meio a arquitetura de edifícios históricos da capital paulista, agora os observa em uma tela de computador. Os artistas, por sua vez, tiveram que se adaptar e atuar enquadrados num “frame” fixo, sendo filmados pela câmera do celular ou do computador, como se estivessem enjaulados, aprisionados no meio virtual. Os olhares não mais se encontram, seus movimentos corporais são restritos, gerando novas narrativas promovidas pela imanência e não pela interação.

Os figurinos que antes contavam com asas de borboleta, atrelados à aparatos como cordas de suspensão, sob o foco de luzes pulsantes, agora se adaptam ao espaço privado, a câmera enquadra rostos, no máximo um plano americano, dos joelhos para cima. O resultado estético criou padrões, resultantes das limitações técnicas e físicas, reduziu a pluralidade de cenas, ao passo que destacou as narrativas individuais. Havia antes uma ligação entre a cultura dos

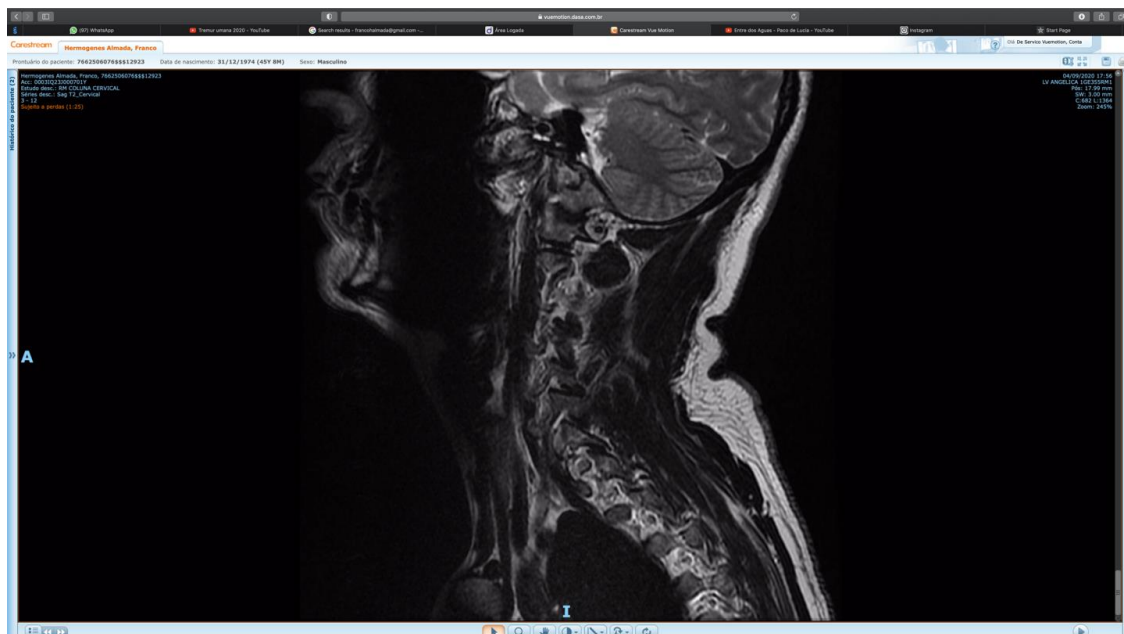


eventos e as narrativas, agora o que se encontra são mensagens oriundas do primitivo do artista, de suas origens e a expressão de sua ancestralidade na tela.

A interação com o público não é a mesma, enquanto o artista performa ele não observa o público, o environment<sup>vii</sup> não conta com a presença física e de circulação livre de pessoas, a cenografia preparada para o evento tem maior peso para a manifestação. Uma nova forma de se expressar pela performatividade, numa forma de performance ainda em estudo.

Pouco a pouco os eventos no Zoom se reduziram e findaram no mês de setembro de 2020. O que se viu foi um novo enfraquecimento do grupo como um todo, mostrando que o fascismo drena as forças dos artistas mesmo quando esses se encontram nos meios virtuais.

Para o pesquisador, a experiência da dor advinda de uma protusão na coluna cervical, causada pelas limitações dos movimentos corporais desde o início da pandemia, gerou um novo ruído estético advindo da “diagnose” que ilustra os efeitos do aprisionamento.



Portanto, o artigo apresenta reflexões baseadas em Freud, Deleuze, Schechner e Butler, num fluxo de pensamentos que buscam entrelaçar estudos psicanalíticos, da filosofia e das artes, por meio dos quatro autores escolhidos. O que não se pretende é dar um caminho monótono ao leitor, de modo que se encontre conclusões para a questão:

Como a dor e o aprisionamento transformaram corpos, psique e performatividade durante a pandemia do Covid-19?

## Conclusão

Os governantes e membros de instituições regulam este estado de privação da liberdade, ao passo que os extremistas, fascistas, incitam a população a ir para as ruas, causando maior instabilidade emocional para quem se isola, e maior submissão a quem rompe as regras.

Este paradoxo institucionalizado rege novas formas de contato e performatividades, numa ação direta sobre corpos e de forma tóxica sobre as mentes. Novas expressões e performatividades emergem da necro-política, repletas de dor e arte.

## Referências:

Instituto de Estudos Avançados - IEA. Consultado em: 18 de dezembro de 2020. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/mudancas-climaticas-e-a-pandemia-de-covid-19-sao-criises-convergentes-afirmam-pesquisadores>

ALMEIDA, E. A. A.; CASTRO, E.D. Estruturação do Self de Lygia Clarck: território ambíguo in: ARANHA, C.; CANTON, K. Espaços de Mediação: a arte e seus públicos. São Paulo, MAC/USP, 2013.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Civilização Brasileira, 1990

COHEN, Renato. Performance como Linguagem. São Paulo: Perspectiva, EDUSP, (1984), 1989.

DELEUZE, G, De Sacher-Masoch ao masoquismo, Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v.10 nº 1, p. 94-105, 2017

FREUD, S. (1973), Obras completas, 3ª ed., 3 v., Madrid: Biblioteca Nueva.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOOGLE.

<https://www.google.com/search?q=qual+o+total+de+mortos+por+covid+no+brasil+hoje&oq=qual+o+total+de+mortos+por+covid+no+brasil+hoje&aqs=chrome..69i57j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, Vocabulário da Psicanálise; Martins Fontes; 3o edição, Tradução de Pedro Tamen, 1998.

MOROZOV, Evgeny – What we don't get about social media dark side : Downloaded at Dec-15-2020 <https://dokumen.tips/news-politics/evgeny-morozov.html>

RIBEIRO, Djamila. O Que É Lugar De Fala. Ed Letramento, 2017.

TAYLOR, Diana. Performance. Buenos Aires: Assunto Impreso Ediciones, 2012.

---

<sup>i</sup> MOROZOV, Evgeny – What we don't get about social media dark side : Downloaded at Dec-15-2020 <https://dokumen.tips/news-politics/evgeny-morozov.html>

<sup>ii</sup> De forma geral, há duas maneiras de interpretar a operação pela qual a lei nos separa de um prazer: ou bem pensamos que ela o rejeita e o afasta uniformemente, de modo que somente obteremos o prazer pela destruição da lei (sadismo); ou bem pensamos que a lei tomou para si o prazer, o guardou para si; é, portanto, esposando a lei, submetendo-nos escrupulosamente à lei e a suas consequências que experimentaremos o prazer que ela nos proíbe. O masoquismo vai mais longe: é a execução da punição que se torna primeira e nos introduz no prazer proibido.

---

DELEUZE, G, De Sacher-Masoch ao masoquismo, *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v.10 n° 1, p. 94-105, 2017*

iii Idem..

iv Victor Whitter Turner (1920-1983) é um antropólogo britânico pesquisador dos ritos e eficácia dos símbolos nos processos rituais e sociais.

v De qualquer forma, qual é sua importância, comparando-o às grandes transformações institucionais, com códigos explícitos e gerais, com regras unificadas de procedimento; o júri adotado quase em toda parte, a definição do caráter essencialmente corretivo da pena, e essa tendência que se vem acentuando sempre mais desde o século XIX a modular os castigos segundo os indivíduos culpados? Punições menos diretamente físicas, uma certa discricção na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação, merecerá tudo isso acaso um tratamento à parte, sendo apenas o efeito sem dúvida de novos arranjos com maior profundidade? No entanto, um fato é certo: em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. (FOUCAULT, MICHEL, 1987; Pag. 12).

vi Quanto ao termo “recalque”, nunca perde sua especificidade para se confundir pura e simplesmente com um conceito englobante que exprimiria o conjunto das técnicas defensivas utilizadas para manejar o conflito psíquico. Note-se, por exemplo, que, quando se trata das “defesas secundárias” (defesas contra o próprio sintoma), Freud nunca as qualifica de “recalques” secundários (5). A noção de recalque conserva fundamentalmente no texto de 1915 que lhe é consagrado, a acepção definida acima. “A sua essência consiste apenas no fato de afastar e manter a distância do consciente”. (LAPLANCHE, J.; PONTALIS, 1998; pag 431).

vii COHEN, Renato, Performance como linguagem, Editora Perspectiva, São Paulo, 1989. (Pag. 40)